

**CRIME E
CASTIGO**

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

CRIME E
CASTIGO

TEXTO ADAPTADO

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
YURI MARTINS DE OLIVEIRA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Adaptado do original em russo
Преступление и наказание

Revisão
Mariane Genaro
Maitê Ribeiro

Texto
Fiódor Dostoiévski

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução, adaptação e texto
sobre as personagens
Yuri Martins de Oliveira

Imagens
solarseven/Shutterstock.com;
Vozzy/Shutterstock.com

Preparação
Lia N. Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D724c Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881

Crime e Castigo / Fiódor Dostoiévski ; traduzido por Yuri Martins de
Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2020.
240 p. ; 16cm x 23cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Преступление и наказание
Inclui índice.
ISBN : 978-65-5552-080-4

1. Literatura russa. 2. Romance. I. Oliveira, Yuri Martins de. II. Título.
III. Série.

2020-1441

CDD 891.73
CDU 821.161.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura russa : Romance 891.73
2. Literatura russa : Romance 821.161.1-3

1ª edição revisada em 2021
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo 1	7
Capítulo 2	14
Capítulo 3	22
Capítulo 4	29
Capítulo 5	35
Capítulo 6	43
Capítulo 7	49
Capítulo 8	57
Capítulo 9	64
Capítulo 10	72
Capítulo 11	76
Capítulo 12	82
Capítulo 13	91
Capítulo 14	95
Capítulo 15	99
Capítulo 16	106
Capítulo 17	113
Capítulo 18	119
Capítulo 19	124
Capítulo 20	128
Capítulo 21	133
Capítulo 22	141
Capítulo 23	146
Capítulo 24	157
Capítulo 25	164

Capítulo 26	168
Capítulo 27	173
Capítulo 28	177
Capítulo 29	185
Capítulo 30	193
Capítulo 31	198
Capítulo 32	201
Capítulo 33	206
Capítulo 34	213
Capítulo 35	216
Capítulo 36	221
Epílogo	226
Sobre as personagens	238

CAPÍTULO 1

No começo de julho, quando o tempo estava extraordinariamente quente, perto do anoitecer, um rapaz saiu de seu apartamento alugado na Rua S. e dirigiu-se lentamente até a Ponte K.

Por sorte, havia conseguido evitar a senhoria enquanto descia as escadas. Eram, ao todo, trinta degraus e ele conseguira descer todos sem encontrar ninguém. Seu quartinho ficava logo abaixo do telhado de um edifício de cinco andares e, para dizer a verdade, parecia mais um armário que um quarto. Ele pagava o aluguel daquele cubículo e tinha direito ao almoço e à faxina. O apartamento da senhoria ficava logo abaixo do seu, de maneira que, toda vez que precisava sair, tinha de passar diante da porta dela. Sempre tinha uma sensação ruim ao passar ali, ficava com vergonha e fazia caretas. Estava devendo para a senhoria e tinha medo de se encontrarem.

Não é que fosse covarde ou esquecido, não, muito pelo contrário; mas já fazia algum tempo que andava constantemente tenso e irritadiço, condição que lembrava muito a da hipocondria. Estava tão mergulhado em si mesmo que tinha até medo de encontrar outra pessoa, qualquer uma que fosse. Havia parado de estudar e de cuidar de seus negócios. Era bastante pobre, mas isso já não o incomodava mais. Em suma, não tinha medo da senhoria propriamente, mas só de pensar em ouvir conversas tolas, ninharias, mentiras, cobranças... Era melhor descer a escada silenciosamente, como um gato, para que ninguém o visse. Dessa vez, porém, o medo que sentiu de encontrar a senhoria fora tão forte que até mesmo ele ficara surpreso.

“Tenho a intenção de fazer tanta coisa e olha só do que tenho medo!”, pensou, sorrindo estranhamente. “O ser humano tem tudo ao alcance das mãos e não faz nada porque tem medo... Curioso... Do que será que as pessoas têm mais medo? De dar um novo passo, de dizer algo novo...”

Enfim.... Tenho falado demais. É por isso que não faço nada, de tanto ficar falando! Fico em casa o dia todo, pensando na vida. E para onde estou indo, afinal? Será que já estou pronto? Será que já consigo fazer *aquilo?*”

Na rua, o calor era insuportável. O tempo estava seco e carregado de poeira. Pairava um odor fétido pelo ar. Tudo isso tinha uma influência negativa sobre os nervos do rapaz. O fedor era especialmente forte naquela parte da cidade por onde andava, e, para completar, havia uma infinidade de bêbados pela rua. Uma expressão de nojo profundo se manifestou no rosto do jovem, embora ele mesmo estivesse tão malvestido quanto qualquer um que estivesse por ali. De fato, perto da Praça Sennaia, por onde o rapaz caminhava, sua figura dificilmente chamaria atenção. Em meio àquela gente, ele não tinha a menor vergonha de andar em semelhantes andrajos. Outra coisa completamente diferente seria se encontrasse algum de seus ex-colegas da faculdade, os quais de testava, vestido daquela maneira... Apesar disso, era um jovem bastante bonito, de cerca de 23 anos. Tinha belos olhos negros e cabelos castanho-claros, era mais alto que a média, magro e bem-feito.

Ele continuava seu caminho, meditando, sem notar nada nem ninguém ao redor. De quando em quando resmungava alguma coisa consigo mesmo; notou, por fim, que estava muito fraco: já fazia dois dias que não comia praticamente nada. Foi despertado de seus pensamentos quando um bêbado, surgido sabe-se lá de onde, cruzou seu caminho e gritou, apontando para ele:

– Ei, você! Bonito chapéu!

O rapaz estancou e, no ato, arrancou o chapéu da cabeça. Era um chapéu alto, redondo, já bastante gasto e empoeirado. Mas não foi por vergonha e sim de susto que arrancara o chapéu da cabeça.

– Eu bem que sabia! – resmungou. – Eu bem que sabia! Isso que é o pior de tudo! Uma coisinha, um detalhezinho de nada pode pôr tudo a perder! Pois é, este chapéu é chamativo demais... Preciso é de um boné. É, um boné combina mais com esta minha roupa... Não chama atenção. Os detalhes, os detalhes são o mais importante! Um detalhe põe tudo a perder!

Não era preciso andar muito mais. Ele sabia até quantos passos eram necessários do portão de sua casa até o local aonde pretendia chegar: eram exatamente setecentos e trinta passos. Ele havia contado, certa vez, quando caminhava por ali, devaneando. Naquele tempo, não levava seus devaneios muito a sério, mas agora, quase um mês depois, via as coisas de outra maneira. De fato, podia-se dizer que aquela caminhada era um *teste*, e a cada passo sua inquietação aumentava mais e mais.

Com o coração batendo forte e sentindo o corpo tremer, ele se aproximou de um grande edifício, próximo a um canal. Era um prédio composto por pequeninos apartamentos habitados por todo tipo de gente: cozinheiras, secretários, alemães, funcionários públicos, mocinhas que se sustentavam sozinhas, etc. Ele ficou bastante satisfeito de não encontrar nenhum dos moradores enquanto entrava. Começou a subir a escada, que era estreita e escura, pensando em como tudo vinha a calhar: na escuridão, não era preciso ter medo de nenhum olhar curioso.

“Se já agora estou tremendo de medo, imagine quando for o momento de fazer aquilo de fato?”, pensava involuntariamente.

Chegando ao quarto andar, notou que havia mobília no patamar e que carregadores esvaziavam um dos apartamentos. Ele já sabia disso de antemão: naquele apartamento, morava uma família alemã que estava de mudança.

“Os alemãezinhos estão indo embora, e, no quarto andar, vai ficar só a velhota. Isso é bom”, pensou, e tocou a campainha, que soou debilmente, como se fosse de latão e não de cobre.

Todas as campainhas daquele edifício eram assim. Havia se esquecido daquele som e, um tanto surpreso, estremeceu. Logo, alguém se aproximou da porta pelo lado de dentro e abriu uma frestinha, observando o recém-chegado com olhinhos desconfiados que brilhavam na escuridão. Vendo que não havia mais ninguém ali, ela abriu a porta por completo. O rapaz entrou na antessala escura, dividida por um tabique que separava a entrada da cozinha. A velha estava parada diante dele, calada, e o observava com olhos interrogativos. Era uma velhota magra,

seca, de uns 60 anos, com uns olhinhos maus, nariz pontudo e cabelos ralos e grisalhos, besuntados de óleo. Usava um lenço amarrado no pescoço comprido e enrugado e, apesar do calor, um xale nas costas. A velha pigarreou, e o rapaz deve ter olhado de forma estranha, pois ela, mais uma vez, pôs-se a observá-lo com redobrada desconfiança.

– Sou eu, Raskólnikov, o estudante – apressou-se em murmurar o jovem. – Estive aqui faz um mês.

– Eu lembro, meu caro, lembro muito bem – respondeu a velha, sem tirar os olhos dele.

– Pois então, a senhora... Eu... Eu vim negociar com a senhora outra vez... – continuou Raskólnikov, surpreso com a desconfiança da velha.

“Bem, ela é sempre assim, na verdade, talvez não tenha notado nada”, pensou, com uma sensação desagradável.

A velha ficou em silêncio, como se estivesse refletindo se devia ou não deixar Raskólnikov entrar em seu quarto. Por fim, afastou-se e deu passagem ao visitante:

– Entre, meu caro.

Eles entraram no pequeno quarto da velha, coberto de papel de parede amarelado e iluminado pelo sol.

“Então quando tiver de fazer *aquilo*, o sol vai estar brilhando!...”, pensou Raskólnikov, lançando um rápido olhar ao redor, como se quisesse estudar e memorizar a disposição de tudo ali.

No quarto, não havia nada de especial: a mobília era toda velha, havia um sofá com encosto de madeira, uma mesa redonda diante dele, um banheiro com um espelhinho e uma toalha, duas ou três cadeiras e nada mais. Em um canto, ardia uma lâmpada. Tudo estava absolutamente limpo, brilhando. “Trabalho de Lizaveta”, pensou Raskólnikov. Não havia um grão de poeira em lugar algum. “Pois é, na casa de velhas viúvas malvadas, é sempre limpo assim”, continuou ele consigo mesmo. Havia ainda uma porta, coberta por uma cortina, que dava para outro quartinho. Eram esses os aposentos do apartamento.

– O que deseja? – perguntou a velhota, séria.

CRIME E CASTIGO

– Trouxe um penhor para a senhora! – disse ele, tirando do bolso um velho relógio de prata com uma correntinha de aço.

– Pois o prazo do outro penhor já venceu. Faz três dias já.

– Eu vou lhe pagar os juros, tenha paciência.

– Depende só da minha boa vontade, meu caro, ter paciência ou vender suas coisas.

– Vale muito o relógio, Aliona Ivánovna?

– O senhor só me traz ninharias, meu caro, isso não vale nada, veja bem. Da última vez, eu lhe dei dois rublos por um anelzinho que poderia ter comprado novo por um rublo e meio.

– Uns quatro rublos, pode ser? Era do meu pai. Logo, vou receber um dinheiro.

– Um rublo e meio, descontados os juros, se quiser.

– Um rublo e meio! – exclamou o rapaz.

– Como queira – a velha lhe devolveu o relógio.

O rapaz sentiu tanta raiva que teve vontade de ir embora, mas refletiu por um minuto. Lembrou-se de que não tinha mais a quem recorrer e que estava ali por outro motivo.

– Que seja! – disse ele rudemente.

A velha vasculhou os bolsos em busca de umas chaves e passou para o outro quarto, atrás das cortinas. O rapaz ficou sozinho no meio do quarto, ouvindo atentamente. A velha destrancava uma cômoda. “Deve ser a gaveta de cima”, imaginava ele, “e ela guarda as chaves do lado direito, todas no mesmo molho... Tem uma maior, não pode ser de cômoda... Deve haver um bauzinho ou um porta-joias... Curioso. Mas como tudo isso é vil...”.

A velha voltou.

– Aqui está, meu caro: os juros são de dez copeques por rublo ao mês, então tem-se um desconto de quinze copeques por um mês adiantado, correto? Do penhor atrasado, devo lhe cobrar ainda os juros, totalizando trinta e cinco copeques. Então o senhor recebe um rublo e quinze copeques. Aqui estão.

– O quê?! Só um rublo e quinze copeques?

– Precisamente.

O rapaz não quis discutir e pegou o dinheiro. Olhou para a velha e não se apressou em ir embora, pois queria dizer ou fazer alguma coisa, mas ele mesmo não sabia o que nem como...

– Pode ser que eu traga uma coisa para a senhora, Aliona Ivánovna, daqui uns dias... Uma cigarreira de prata, coisa boa... Assim que receber de um colega meu...

– Quando a tiver em mãos, conversamos.

– Adeus... A senhora está sozinha em casa, sua irmã não está? – perguntou, enquanto saía para o corredor.

– Por acaso, o senhor tem alguma coisa para tratar com ela, meu caro?

– Não, não tenho, não... Perguntei por perguntar. É que a senhora... Bem, adeus, Aliona Ivánovna!

Raskólnikov saiu dali decididamente perturbado. Sua perturbação aumentava mais e mais, de maneira que, descendo as escadas, chegou a parar algumas vezes como se freasse repentinamente. Por fim, já na rua, exclamou:

– Oh, Deus! Que abominação! Será possível que... Será que... Não, que tolice, que disparate! Como posso pensar em algo assim? Quanto horror há em meu coração! É horrível, horrível... Um mês inteiro pensando nisso...

No entanto, ele não podia expressar em palavras toda sua inquietação. A sensação de asco que começara logo ao chegar à casa da velha estava agora tão forte que ele já não sabia o que fazer. Estava fora de si. Caminhava pela calçada como um bêbado, sem notar os transeuntes e, quando se deu conta, já estava em outra rua. Olhando ao redor, notou que estava diante de uma taberna, para a qual se descia por uma escadinha. Dois bêbados entravam ali, tropeçando nos degraus. Sem pensar duas vezes, Raskólnikov desceu. Nunca havia entrado em uma taberna, mas naquele momento sua cabeça rodava, e uma sede imensa se apossara dele. Queria beber uma cerveja gelada, ainda mais porque associava sua tonteira e fraqueza à fome. Sentou-se em um canto sujo e escuro,

pediu cerveja e bebeu avidamente. No mesmo instante, tudo se assentou, e os pensamentos como que se aquietaram.

– Tudo isso é bobagem – murmurou, esperançoso. – Não tem por que se aborrecer! Um cansaço físico, é só! Um copinho de cerveja, um pedacinho de pão e pronto, tudo se ajeita, acabam-se os problemas!

Realmente, parecia mais alegre, como se tivesse tirado um peso tremendo das costas. Olhou com certa amabilidade ao redor e no mesmo instante percebeu, consigo mesmo, que todo aquele otimismo tinha algo de doentio.

Havia pouca gente na taberna àquela hora. Pouco antes, um bando de uns cinco homens com uma moça e um acordeão havia acabado de sair, deixando o local bastante silencioso. Restavam os dois bêbados que haviam entrado na frente de Raskólnikov, um pequeno-burguês embriagado acompanhado de um camarada de barba grisalha, grande e gordo, que, de tão bêbado, pendia sobre o banco e, às vezes, tentando bater palmas, experimentava declamar uns versos ou cantar alguma coisa:

*O ano inteiro afaguei minha esposa
O ano inte-ei-ro afaguei minha espo-o-sa...
Ou, de repente, despertando:
Pela rua eu ia andando,
Acabei a outra encontrando...*

Mas ninguém compartilhava da sua felicidade. Os companheiros calavam e olhavam para ele com desconfiança. Havia ali ainda outra pessoa, com jeito de funcionário público aposentado. Estava sentado sozinho, com um copo e uma garrafa, olhando de tempos em tempos ao redor. Ele também, ao que parecia, estava um tanto inquieto.

CAPÍTULO 2

Raskólnikov, como dito, não estava habituado a multidões e evitava a todo custo qualquer tipo de contato com quem quer que fosse. Agora, porém, sentia vontade de estar em meio a outras pessoas. Alguma coisa aconteceu dentro dele e, de repente, sentiu uma sede de ver gente. Estava tão cansado daquele mês de solidão e inquietude que queria respirar outros ares, ainda que fossem os ares fétidos daquela horrível taberna.

O dono da taberna estava em outro cômodo, mas com frequência entrava ali e dava uma olhada nos clientes. Atrás do balcão, estava um menino de uns 14 anos e ainda um outro menino menor, que vinha servir quando pediam alguma coisa. No balcão, havia pepinos em conserva, pães e pedaços de peixe fatiado, tudo cheirando mal. Estava tão abafado, e o ar tão pesado que, só de ficar ali sentada, uma pessoa já ficaria bêbada em cinco minutos.

Existe todo tipo de encontro nessa vida, alguns deles com pessoas que nos despertam atenção assim que colocamos os olhos nelas, sem que seja preciso dizer qualquer coisa. Foi exatamente isso que aconteceu a Raskólnikov em relação ao suposto funcionário aposentado. Mais tarde, o rapaz se lembrou daquela sensação e a interpretou como sendo uma premonição.

Ele observava o funcionário, e este, por sua vez, olhava fixamente de volta. Estava claro que queria conversar. Para os outros, o antigo funcionário olhava com tédio, como se fossem pessoas com as quais ele jamais teria sobre o que conversar. Era um homem já passado dos 50 anos, de estatura mediana e corpulento, calvo, com um rosto um tanto amarelado, até mesmo esverdeado, pode-se dizer, e pálpebras pesadas, sob as quais reluziam olhinhos pequeninos e avermelhados, mas muito vívidos. Havia algo muito estranho: em seu olhar brilhava certo entusiasmo, até mesmo vivacidade e sabedoria, mas, ao mesmo tempo,

também certa loucura. Estava estranhamente vestido: fraque completo, porém com todos os botões faltando. Todos menos um, que permanecia ali pendurado, sabe-se lá como. O colete e o peitilho estavam manchados e amarelecidos. Usava barba à moda dos funcionários, mas já estava bastante cheia. Parecia preocupado, desalinhou os cabelos e colocava a cabeça entre as mãos, apoiando os cotovelos à mesa. Afinal, ele olhou para Raskólnikov e disse em voz alta:

– Será que me atrevo, estimado senhor, a dirigir-lhe a palavra? Pode até ser que o senhor não tenha um bom aspecto, mas minha experiência me diz que é uma pessoa educada e aceitaria uma bebida. Eu sempre prezei muito a educação, sabe? Sou Marmeládov, conselheiro titular. E o senhor onde trabalha, atrevo-me a perguntar?

– Sou estudante... – respondeu o rapaz, ainda um tanto surpreso com aquele tom tão sincero e tão direto. A despeito de seu recente desejo de se aproximar das pessoas, tão logo ouviu a primeira palavra de Marmeládov, Raskólnikov sentiu a costumeira ojeriza em relação às pessoas e a qualquer tipo de contato.

– Um estudante, tinha de ser! – gritou o conselheiro – Eu bem que sabia! Experiência, meu estimado senhor, experiência! – dizendo isso, batia com um dedo na testa. – Tinha de ser estudante ou alguém ligado à ciência! Permita-me... – apanhou o copo e a garrafa, levantou-se e aproximou-se do rapaz.

Marmeládov estava realmente embriagado, mas falava com clareza, só de vez em quando embaralhando um pouco a conversa. Achevou-se com tanta avidez a Raskólnikov, que parecia até que não falava com ninguém há meses.

– Estimado senhor – continuou –, a pobreza não é defeito. Mas a penúria, estimado senhor, a penúria, sim, é um defeito. Na pobreza, ainda se pode conservar algum sentimento nobre, mas na penúria não, nada – fez uma pausa e então prosseguiu. – Estimado senhor, no mês passado, o senhor Lebeziátnikov espancou minha esposa, e ela não é como eu! O senhor entende? Permita-me perguntar, só por curiosidade: o senhor já passou uma noite no Rio Nievá, nas barcas de feno?